

# Resistência e subversão social e decolonial: a representação do sujeito marginal em Clarice Lispector

Resistance and social and decolonial subversion: the  
representation of the marginal subject in Clarice Lispector

Rodrigo Felipe Veloso  
Unimontes

<https://doi.org/10.5007/2176-8552.2024.e98841>

## Resumo

Este artigo tem como objetivo discutir a representação do sujeito marginal e decolonial no romance *A Hora da Estrela* e no conto “A Menor Mulher do Mundo”, de Clarice Lispector. Trataremos inicialmente do Pós-Modernismo enquanto “movimento” estético e filosófico, das características que este possui nas obras em apreço e sua implicação na constituição do discurso decolonial. Faremos ainda análise comparativa das obras de modo a identificar pontos entre elas de aproximação ou de distanciamento no que tange a destituição das estruturas sociais normativas, principalmente quanto à figura de Macabéa em *A Hora da Estrela* e da Pequena Flor em “A Menor Mulher do Mundo”. A metodologia será a discussão que se tem em torno da noção de fonte (tradição) e influência (texto moderno) da cultura europeia na cultura brasileira, bem como analisando tal processo sob a ótica do discurso decolonial, nas formas de produzir subjetividades sobre o texto literário clariceano visando destecer, decolonizar as estruturas hegemônicas sociais. Para tanto, citamos os autores da perspectiva decolonial e da ideia de pensamento fronteiro, como Ballestrin (2013), Bernadino-Costa e Grosfoguel (2016) e Mignolo (2017), e autores críticos dos textos clariceanos como: Massaud Moisés (1989), Antonio Candido (1992), Benedito Nunes (1995), dentre outros.

Palavras-chave: Pós-Modernismo; Literatura Comparada; Clarice Lispector; Rito de Margem; Decolonial.

## Abstract

This article aims to discuss the representation of the marginal subject and decolonial in the novel *A Hora da Estrela* and in the short story “A Menor Mulher do Mundo”, by Clarice Lispector. We will initially deal with Post-Modernism as an aesthetic and philosophical “movement”, the characteristics it has in the works in question and its implication in the constitution of decolonial discourse. We will also carry out a comparative analysis of the works in order to identify points between them of approximation or distancing in terms of the destitution of normative social structures, mainly regarding the figure of Macabéa in *A Hora da Estrela* and Pequena Flor in “A Menor Mulher do Mundo”. The methodology will be the discussion around the notion of source (tradition) and influence (modern text) of European culture on Brazilian culture, as well as analyzing this process from the perspective of decolonial discourse, in the ways of producing subjectivities about the text Claricean literature aiming to decolonize and decolonize hegemonic social structures. To this end, we cite the authors of the decolonial perspective and the idea of border thinking, such as Ballestrin (2013), Bernadino-Costa and Grosfoguel (2016) and Mignolo (2017), and critical authors of Claricean texts such as: Massaud Moisés (1989), Antonio Candido (1992), Benedito Nunes (1995), among others.

Keywords: Post-Modernism; Comparative literature; Clarice Lispector; Margin Rite; Decolonial.

*Estou absolutamente cansado de literatura, só a mudez me faz companhia. Se ainda escrevo é porque nada mais tenho a fazer no mundo enquanto espero a morte. A procura da palavra no escuro.*

Clarice Lispector

## **Introdução**

O Pós-Modernismo considerado como um “movimento” estético e filosófico se apresentou mais claramente na arquitetura. Segundo Leyla Perrone-Moisés em seu texto: “A Modernidade em ruínas”, há dificuldade em se definir a pós-modernidade, uma vez que esta não se distingue nitidamente da modernidade, mas pode ser considerada como mais uma etapa dessa última. Ela cita em seu texto a escritora Linda Hutcheon que mantém um discurso moderado sobre a pós-modernidade, mostrando que o pós-moderno: “desafia”, “parodia”, “desmitifica”, “questiona”, “ironiza”, vive na contradição.

Os artistas pós-modernos propuseram um novo modo de ver o mundo, ligando linguagens artísticas a um tipo de realidade multifacetada, fragmentada e híbrida. Buscam manifestar sentimentos emotivos numa sociedade acusada por eles de ser fria, calculista, apressada e ambiciosa. Nos textos de Clarice Lispector isso não será diferente, pois em *A Hora da Estrela* e “A Menor Mulher do Mundo” temos o retrato fiel dessa sociedade que rejeita qualquer ser ou coisa que não se enquadra na estrutura convencional preestabelecida. A discussão aqui se pauta na representação desse sujeito marginal que não consegue se inserir na sociedade e, acaba por se isolar dela,

criando assim, um discurso e pensamento decolonial. O sujeito marginal pode ser entendido enquanto aquele que se encontra numa interestrutura que representa a experiência da individualidade vivida, num período de isolamento e autonomia do grupo, e, sobretudo, compreende-se, que ele está deslocado e visando a uma nova condição, mudança e agregação de vida.

Vale ressaltar que aproximamos a discussão do pensamento fronteiriço associado, sobretudo, ao rito de margem e liminar, pois o indivíduo estando nessa condição vive numa interestrutura, num momento de reflexão diante da realidade e contexto sociocultural, bem como este afirmando o pensamento fronteiriço reforça o aspecto decolonial, pois pensar na fronteira é constituir-se corpo racializado, ou seja, enunciar-se não de maneira passiva, mas intencionar a mudar o local da enunciação, que ora possuía *status* de corpo-objeto e passará a se compreender enquanto corpo-sujeito. Em outras palavras, é a tentativa de se renovar, captar o instante histórico e evidenciar novas oportunidades de (r)existir, resistir, adentrando assim, nas camadas e espaços mais notáveis e, sobretudo, apropriando destes.

### **Colonialismo e pós-colonialismo: o pensamento decolonial e suas implicações**

Ao compreendermos o termo decolonial, faz-se importante discutirmos sobre o colonialismo, porque ele é usado demasiadamente para conceituar o processo político do império no momento da escravidão no Brasil ou dos países que passaram pelo mesmo sistema escravagista. Tal vocábulo enuncia um sentido que direciona ao controle do que é produzido pela “massa de manobra”, obtida pela força de trabalho, corpo, mente e cultura, em suma, toda forma oriunda das subjetividades do indivíduo oprimido pela colonização. Nesse trajeto exploratório, questões como subalterno,

tortura, violência exacerbada serve-nos como herança perante resultado de sofrimentos e lembranças de um modelo de dominação surgido a partir de ideias de hegemonia de poder e raça.

Nesse sentido, o controle sobre o trabalho se instaura em diversas esferas sendo a política, social, econômica e cultural, uma vez que se consolidou a configuração entre colonizador e colonizado a partir da ideia de raça. Contudo, entra nesse bojo constitutivo a premissa do inferior e superior racial e, sobretudo, palavras como excluir, segregar e torturar, acabam por se efetivar na prática social e perdura durante muitos séculos e sustenta discussões e estrutura presentes nas relações contemporâneas.

Conforme aponta Aníbal Quijano (2005), a ideia de raça não é algo conhecido e não tem história moderna antes da América. Isso acontece porque as diferenças fenotípicas entre o colonizador e colonizado se manifestam por intermédio dessa ideologia racial que se perpetua entre as interações entre os grupos sociais. E, essa ponte comunicativa, se acentua ao longo do tempo e historicamente se reflete no poder e na dominação do colonizador, construindo assim, novas identidades, como por exemplo, a dos índios, negros e mestiços, e também reconfigurando outras, como a do espanhol, português e europeu, entretanto, tais raças *a priori* tinham somente como descendência a geográfica e, *a posteriori* passaram a significar raça.

Ainda, segundo Quijano (2005), a ideia de raça constitui na América uma forma pela qual se legitimam as relações de poder e de dominação a serem impostas em determinada comunidade. Um exemplo disso, encontramos na maneira de nomear as pessoas, é algo espontâneo, mas de início assinala níveis de interação, lugares e papéis pré-estabelecidos socialmente. E, portanto, a condição fenotípica que identifica colonizador e colonizado entre si passou a se classificar de “cor”, processo mais fundamental na ideia de raça. Logo,

os colonizadores nomearam a si próprios de “brancos”, sendo superiores no pensamento hegemônico racial.

De todo modo, esse sistema de racialização passou a explicar a violência cometida pelo governo imperialista, privilegiando a hierarquização da cultura eurocêntrica “branca” e legitimando a autonomia na execução de atos terríveis como a captura de pessoas, na justificativa de as escravizar, torturar e/ou matar. Tudo isso, no propósito da economia colonial e da perpetuação desse sistema escravocrata. Para tanto, instaura-se um sistema imperialista concentrado na exploração de indivíduos, em especial, visando a sua força de trabalho. No entanto, mediante a esse processo, não se levava em conta as culturas e subjetividades contrastivas da hierarquização racial branca, considerada a eurocêntrica. Com isso, a ideia de perpetuação centrada nas formas de opressão colonial, Quijano (2005) descreve como colonialidade do poder.

Entende-se, pois, por colonialidade do poder a propagação de métodos que visam à dominação colonial pensando nas esferas políticas, econômicas e sociais e, além disso, após o fim das empresas coloniais oriundas do “sistema-mundo capitalista moderno/colonial” (Ballestrin, 2013, p. 100). Tal afirmação, assinala um marco no que tange a clareza de como pensam e agem essas formas de opressão das culturas imperialistas, no caso, dos colonizadores e, sobretudo, com intuito de justificar mecanismos de reconhecimento das marcas que se consagram nas culturas coloniais, mais particularmente da comunidade colonizada, resolução esta, incluída depois das ressonâncias do encontro colonial.

Há uma aproximação entre os discursos decoloniais e pensamentos fronteiriços. Isso ocorre porque tais definições surgiram a partir das vivências e experiência colonial. O sistema de colonização oportunizou o contato de diferentes culturas que se intercambiaram mediadas pela hegemonia

imperialista e, além do mais, possibilitou o aparecimento de novos produtos oriundos da sociedade. O discurso decolonial aparece como herança das manifestações de resiliência, de resistência, marcas desse período colonial, instaurando, contudo, a ideia de pós-colonialismo.

Ao se discutir o pós-colonialismo, duas articulações são viáveis. Uma se refere “ao tempo histórico posterior aos processos de descolonização do chamado ‘terceiro mundo’, a partir da metade do século XX” (Ballestrin, 2013, p. 90). Dito de outra maneira, entende-se como sistema de soltura dos indivíduos colonizados realizado pelo poder político imperialista. A outra se descreve como “um conjunto de contribuições teóricas, oriundas principalmente dos estudos literários e culturais” (Balestrin, 2013, p. 90), reiterando, portanto, sua forte capacidade discursiva. Logo, é sobre essa posição que intentamos analisar em *A hora da estrela* e “A menor do mundo”, uma vez que Macabéa e Pequena Flor são personagens femininas que se revelam ao longo das narrativas clariceanas buscando se encontrar no mundo e construir suas identidades imersas no contexto sociocultural. Esse lugar do pós-colonialismo, assinala uma linha de raciocínio teórica e discursiva que liga as duas personagens que se encontram descentradas e sofrem socialmente mediante a experiência colonial.

A personagem Pequena Flor, do conto “A menor mulher do mundo”, por exemplo, privilegia o seu discurso interior que se revela mais forte do que o exterior, pois se defende dessa experiência opressora do outro que se mostra numa condição superior, especialmente ao experimentar do poder opressor e, sobretudo, promover um olhar descolonizador desnudado da hegemonia totalitária. Segundo apresenta Walter Mignolo (2017), “a descolonilidade e o pensamento/sensibilidade/fazer fronteiriços estão, por conseguinte, estritamente interconectados”, visto que a “descolonialidade emerge da experiência da colonialidade” (Mignolo, 2017, p. 16).

Dentro dessa perspectiva, as protagonistas transitam socialmente sendo sujeitos marginais, haja vista que Arnold Van Gennep (2011) designa pelo nome “margem” como sendo algo “simultaneamente ideal e material, encontra-se mais ou menos pronunciada, em todas as cerimônias que acompanham a passagem de uma situação mágico-religiosa ou social para outra” (Gennep, 2011, p. 35).

O indivíduo adentrou num território desconhecido. Não conseguirá se dissociar de seu passado, e nem tampouco estará apto a vivenciar o estado futuro e almejado, a não ser que este se integre completamente. Dessa forma, os ritos de margem “podem constituir uma secção importante, por exemplo, na gravidez, no noivado, na iniciação” (Gennep, 2011, p. 30).

Nesse trajeto, Luciana Ballestrin (2013) nos apresenta uma discussão antagônica no que tange ao conceito de pós-colonialismo, isto é, mediante resultados dos embates entre colonizador e colonizado. Mignolo (2017), por sua vez, discorre tal conceito sendo “a diferença colonial”, uma relação dicotômica colonial que prejudica o outro de ser quem, de fato, é anulando sua identidade cultural, gênese e subjetividades. Nesse sentido, ressurgem a noção de hegemonia colonial que solidificam as agressões e submissões desse sistema político imperialista. Diante disso, tais constatações são dialogadas de maneira produtiva no contexto dos Estudos Culturais por meio do viés interpretativo da modernidade/ colonialidade/ decolonialidade.

### **Viver a margem das relações com o outro: o pensamento decolonial em Clarice Lispector**

Domício Proença Filho em seu livro: “Pós-modernismo e literatura” nos mostra alguns traços que o pós-modernismo do Terceiro Mundo possui. Alguns desses traços conseguimos perceber nos textos de Lispector,

como, por exemplo, um maior destaque ao exercício da metalinguagem. A essa característica podemos Rodrigo S. M., narrador-personagem d'*A Hora da Estrela*, pois durante a narrativa esse narrador-personagem faz um “mergulho” em sua própria escrita, revelando um processo de reflexão sobre essa escrita e também sobre Macabéa: “como é que sei tudo o que vai se seguir e que ainda o desconheço, já que nunca o vivi?” (Lispector, 1981, p. 16). “Pretendo, como já insinuei escrever de modo cada vez mais simples. Aliás o material de que disponho é parco e singelo demais [...]” (Lispector, 1981, p. 18).

Outra característica é quanto à configuração do texto literário como uma figura alegórica de tipo hiper-real e metonímico, que percebemos mais claramente em “A Menor Mulher do Mundo”, uma vez que, ao lermos o conto temos a impressão de estarmos assistindo a uma produção cinematográfica com dois espaços diferentes: o citadino e o selvagem. E a sua história é centralizada no conflito e na relação do não-ser perante a sociedade, *parte* de um todo amplo, a personagem de ficção, mas que remete a uma realidade comprovável e existente: “[...] amor é ser comido, amor é achar bonita uma bota, amor é gostar da cor rara de um homem que não é negro, amor é rir de amor a um anel que brilha” (Lispector, 1995, p. 95).

No romance *A Hora da Estrela*, Macabéa é uma jovem alagoana de 19 anos, raquítica, feia, morrinhenta e órfã. Os pais morreram quando ela estava com dois anos. Foi criada pela tia beata, que a maltratava e com quem se mudou para o Rio de Janeiro. Depois da morte da tia, ela passa a dividir uma vaga de quarto com outras moças balconistas, que mal conhece. Com um curso rápido de datilografia, emprega-se num pequeno escritório. O narrador-personagem Rodrigo S. M. revela como conheceu Macabéa e como a vê nesse ambiente que não foi feito para ela:

[...] numa rua do Rio de Janeiro, peguei no ar de relance o sentimento de perdição no rosto de uma moça nordestina. Sem falar que eu menino me criei no Nordeste (Lispector, 1981, p. 16).

Limito-me a contar as fracas aventuras de uma moça numa cidade toda feita contra ela. Ela que deveria ter ficado no sertão de Alagoas com vestido de chita e sem nenhuma datilografia, já que escrevia tão mal, só tinha até o terceiro ano primário (Lispector, 1981, p. 20).

Benedito Nunes (1995) declara que o romance *A Hora da Estrela* possui três histórias que se conjugam, num regime de transação constante, isto é, a primeira história conta a vida de uma moça nordestina que o narrador, Rodrigo S. M., surpreendeu no meio da multidão. A segunda história é a desse narrador interposto, Rodrigo S. M., que reflete a sua vida na personagem, acabando por tornar-se dela inseparável, dentro da situação tensa e dramática que participam. Mas essa situação que os envolve, ligando o narrador a sua criatura, como resultante do enredamento pela narrativa em curso, das oscilações do ato de narrar, hesitante, digressivo, a preparar a sua matéria, a retardar o momento inevitável da fabulação, constitui uma terceira história — a história da própria narrativa. Poderíamos também, falar de outra história que permeia a narrativa desde o início, a qual Rodrigo S. M. nomeia como sendo “a morte que é nessa história o meu personagem predileto” (Lispector, 1981, p. 101).

No conto “*A Menor Mulher do Mundo*”, segundo aponta Gisele Bueno (2006) temos o encontro de um pesquisador branco e europeu, Marcel Pretre, e uma anã africana, justamente a menor mulher do mundo que dá título ao texto. Essa pigméia que passa a ter o nome de Pequena Flor dado pelo explorador assim como Macabéa representa o que Lispector aponta como sendo da ordem do caos, do estranho, da matéria primária, do grotesco, do mal, do que está aquém da linguagem, enfim, de todas aquelas

categorias que os estudiosos nos foram desvendando com o progresso da fortuna crítica da autora. O que a define é, sobretudo, seu aspecto indizível, limítrofe e paradoxal, que paralisa e emudece o observador. A africana, cuja linguagem está no limite da não-linguagem, é humana, mas também, como considera a própria Lispector, bicho:

Entre mosquitos e árvores mornas de umidade, entre as folhas ricas do verde mais preguiçoso, Marcel Pretre defrontou-se com uma mulher de quarenta e cinco centímetros, madura, negra, calada. “Escura como um macaco” (Lispector, 1995, p. 87).

O conto se estrutura a partir de dois espaços diferentes: primeiramente, aparece a geografia distante e, conforme o imaginário europeu, realista, exótica e selvagem da África, onde se dá o encontro face a face de Marcel Pretre e Pequena Flor. Num segundo momento, surge um espaço citadino, de onde personagens “civilizadas” contemplam a foto da pigméia no jornal, encarando-a como coisa ou bicho. A alternância dos ambientes é apresentada sempre por meio de cortes narrativos que continua durante todo o texto: um retorno ao cenário africano e é seguido, já nas últimas linhas do texto, por um ressurgimento brevíssimo do espaço urbano (Bueno, 2006, p. 855-856).

No romance, a história de Macabéa se estrutura na zona urbana e pobre do Rio de Janeiro. Transferindo a personagem de seu meio nordestino de origem, a cidade de Alagoas, ela se depara com outros valores socioculturais.

Massaud Moisés (1989, p. 457, grifo meu) define coerentemente a ficção de Lispector sob o disfarce de seu personagem Rodrigo S. M., na qual

flui exatamente no hiato em que o drama existencial se delinea: o seu objetivo era de captar o *in fieri*, registrar em palavras, como um flagrante fotográfico, a fímbria em que o ser se converte em **não-ser**, o mistério se entreabre sem deslindar-se, a contemplação defronta-se com a fatal iminência da morte. Esse trânsito fugaz e

sutil é assinalado por “momentos privilegiados” em que o “eu” toma consciência do que ocorre dentro/ fora dele, e descobre-se habitado e circundado pelo mistério, pelo insondável, pelo incompreensível.

A desconstrução do sujeito marginal nos dois textos de Lispector se volta ao que chamamos noção de fonte (tradição) e influência (modernidade), buscando-se “revelar as respostas fornecidas pela produção cultural periférica ao projeto universalista dos grandes centros hegemônicos” (Marques, 1998, p. 104), coloca-se em cena o contexto histórico e a questão da dependência cultural, uma vez que se estabelece a possibilidade de mudar a hierarquia que se instalou durante muito tempo em torno dos critérios de “atraso” e “originalidade”, do colonizador e do colonizado.

A presença do estrangeiro na cultura brasileira vem desde a colonização do Brasil pelos portugueses, uma vez que eles impuseram toda sua cultura aos índios, numa espécie de doutrinação, de forma a não só convertê-los a sua religião, mas também ensiná-los sua língua e, através dela, encontrar toda a riqueza desta terra. Os índios perdem a sua língua e recebem em troca a cultura do europeu. “A América transforma-se em cópia, simulacro que se quer mais e mais semelhante ao original, mas em sua origem, apagada completamente pelos conquistadores” (Santiago, 1971, p. 14). Tudo isso devido ao apagamento dos traços originais de uma etnia que até então, possuía suas crenças e um sistema de sobrevivência própria.

Em *A Hora da Estrela*, visualizamos como esse estrangeiro aparece na narrativa, isto é, Macabéa é orientada por Glória a procurar uma cartomante para uma consulta sobre o seu futuro. O destino de Macabéa é traçado pela cartomante:

— Macabéa! Tenho grandes notícias para lhe dar! [...] sua vida vai mudar completamente! E digo vai mudar a partir do momento em que você sair da minha casa! Você vai se sentir outra.

v i s  
d e l  
e r  
u r a  
t r a  
v e  
i a

[...]

— E tem mais! Um dinheiro grande vai lhe entrar pela porta adentro em horas da noite trazido por um homem estrangeiro. Você conhece algum estrangeiro?

— Não senhora — disse Macabéa já desanimando.

— Pois vai conhecer. Ele é alourado e tem olhos azuis ou verdes ou castanhos ou pretos [...] esse estrangeiro parece se chamar Hans, e é ele quem vai se casar com você! Ele tem muito dinheiro, todos os gringos são ricos. Se não me engano, e nunca me engano, ele vai lhe dar muito amor e você, minha enfeitadinha, você vai se vestir com veludo e cetim e até casaco de pele vai ganhar! (Lispector, 1981, p. 92-93).

Essa revelação da cartomante a Macabéa é justamente o próprio discurso do valor financeiro que as pessoas possuem, pois dá a elas o *status* de poder e dominação.

O embate com uma nova cultura, muitas vezes, traz consequências irreparáveis, como percebemos no encontro entre Macabéa e o estrangeiro Hans que em um

Mercedes amarelo pegou-a — e neste mesmo instante em algum lugar do mundo um cavalo como resposta empinou-se em gargalhada de relincho. Macabéa ao cair ainda teve tempo de ver, antes que o carro fugisse, que já começavam a ser cumpridas as predições de madama Carlota, pois o carro era de alto luxo. Sua queda não era nada, pensou ela, pensou ela, apenas um empurrão. Batera com a cabeça na quina da calçada e ficara caída, a cara mansamente voltada para a sarjeta. E da cabeça um fio de sangue inesperadamente vermelho e rico. O que queria dizer que apesar de tudo ela pertencia a uma resistente raça anã teimosa que um dia vai talvez reivindicar o direito ao grito (Lispector, 1981, p. 95-96).

A morte de Macabéa ganha amplitude e um caráter decisivo na narrativa, uma vez que o seu ingresso na cultura urbana e industrializada se vê diante de duas faces do morrer feminino, conforme aponta Maria Lúcia Guindin (1994), sendo eles, o morrer em vida, pois se manifesta na sua solidão e carência, o narrador lhe nega encantos femininos, revertendo

narrativamente o que ela não era e não tinha: “esqueci de dizer que era realmente de se espantar que para corpo quase murcho de Macabéa tão vasto fosse seu sopro de vida” (Lispector, 1981, p. 72), e o morrer literal, em que a feminilidade e a consciência dessa feminilidade se encontram análogos ao dilaceramento do eu, ocorrendo na solidão e na separação amorosa: “na hora em que Olímpico lhe dera o fora, a reação dela (explosão) veio de repente inesperada: pôs-se sem mais nem menos a rir. Ria por não ter lembrado de chorar” (Lispector, 1981, p. 74).

Esse movimento do pensamento fronteiro e do discurso decolonial praticado pelo sujeito que se encontra à margem da sociedade, como é o caso de Macabéa, por exemplo, ressurge sendo um processo de aprendizado diante dos elementos apresentados pelo opressor, por aquele que quer ter domínio perante o outro e, a partir de então, ressignifica nova postura social que a legitima a fazer como a hierarquia denuncia, trocando assim, os papéis e assimilando a diferença colonial, posto que, para a personagem marginal, o lugar de poder terá outra percepção, a de resistir mesmo estando num plano superior.

O termo “explosão” é recorrente n’*A Hora da Estrela*, isso ocorre porque é a própria Macabéa, de modo que os seus sentimentos eram sentidos, mas nunca demonstrados. Portanto, nem identificados como sentidos. A palavra “explosão” aparece no texto entre parênteses e pode ser identificada com o auxílio do narrador. Quando encontramos Macabéa angustiada com tudo e todos que a cercam, percebemos que ela explode internamente, mas não exterioriza essa angústia que senti, uma vez que não era notada pelas pessoas, sentia-se descentrada do contexto social.

Em “A Menor Mulher do Mundo”, a presença do estrangeiro está vinculada a Marcel Pretre, caçador e explorador francês que sente a necessidade de nomear a pigmeia da tribo dos Likoualas, já que a descobrira

nas profundezas da África Equatorial, dessa forma, reforçando o discurso do branco, civilizado numa perspectiva de imediata ordem das coisas. Quando Pretre nomeia a pigmeia de Pequena Flor, ela se coça “onde uma pessoa não se coça”. O explorador ao nomear tenta ordenar, capturar esse ser, mostra-se perturbado com o seu gesto bruto que o faz imediatamente desviar os olhos. O leitor é forçado a também desviar os olhos para outra cena da narrativa. Passando para a próxima cena, temos o ambiente urbano no qual presenciamos a organização formal que aparece sob o estigma bastante particular, à qual ligamos, novamente, não só a figura de Pequena Flor, mas também uma imagem a ela atrelada logo no início do texto: a da “caixa dentro de uma caixa, dentro de uma caixa” (Lispector, 1995, p. 87).

Segundo Bueno (2006), nesse contexto, a imagem das caixas alude aos encontros cada vez mais surpreendentes de Pretre. Portanto, a cada nova descoberta ele se depara com algo novo, diferente. Primeiramente com uma tribo de pigmeus, depois com uma tribo dos menores pigmeus do mundo e, finalmente, com o menor dos menores pigmeus do mundo. Entretanto, esse jogo de imagens faz com que associemos a figura das caixas visto como modelo que anuncia um elemento estruturador dessa parte do conto, cujo foco é o espaço citadino, que ao final, e não por acaso, se desarticula. Desenrolam-se seis cenas em que vários indivíduos, recolhidos em seu ambiente doméstico, observam a foto em tamanho natural da anã. A primeira figuração do olhar dessas personagens sobre a primitiva parece funcionar como aquela receita simples, modelar e esquemática, em que observamos claramente o olhar hegemônico. Posteriormente, essa figuração acaba por se complicar e se desdobrar em histórias que são variações sobre um mesmo tema.

Um exemplo disso é quanto à fala de uma mulher que não quis olhar para a foto uma segunda vez porque sentiu aflição. Toda essa recepção das imagens da Pequena Flor traz uma aflição e estranhamento por parte da cultura dita “civilizada” que relaciona à interioridade mais entranhada e

estranha de uma anã que não se enquadra nessa cultura e foge à ordem, à forma e ao sistema preexistente. Esse incômodo no ato de se olhar a coisa nomeada e “colonizada” se traduz num discurso decolonial, pois nesse momento há uma ruptura desse poder hegemônico opressor. Pequena Flor não se deixa submeter ao poder imperial nem à condição de gênero, e supera as muitas violências sofridas.

A hora da estrela de Macabéa é o momento de iluminação da sua consciência, que para ela significa o momento último da morte, ela só foi vista pelas pessoas na hora da sua morte e, dessa forma, passa a existir para os outros:

Algumas pessoas brotaram no beco não se sabe de onde e haviam se agrupado em torno de Macabéa sem nada fazer assim como antes pessoas nada haviam feito por ela, só que agora pelo menos a espiavam, o que lhe dava uma existência (Lispector, 1981, p. 97).

Macabéa, então, conhece as profundezas da morte: “tinha-se aberto em fendas a terra de Alagoas” (Lispector, 1981, p. 97), e reconhece e compreende o significado real de sua existência enquanto ser que, muitas vezes, fora considerado “capim”, isto é, só nasce da dificuldade, da sarjeta e das pedras que literalmente crescem à sua volta:

Então — ali deitada — teve uma úmida felicidade suprema, pois ela nascera para o abraço da morte. [...] E havia certa sensualidade no modo como se encolhera. Ou é porque a pré-morte se parece com a intensa ânsia sensual? É que o rosto dela lembrava um esgar de desejo [...].

Um gosto suave, arrepiante, gélido e agudo como no amor. Seria esta a graça a que vós chamais de Deus? Sim? Se iria morrer, na morte passava de virgem a mulher. [...] Seu esforço de viver parecia uma coisa que, se nunca experimentara, virgem que era, ao menos intuía, pois só agora entendia que mulher nasce mulher desde o primeiro vagido. O destino de uma mulher é ser mulher (Lispector, 1981, p. 101).

v i s  
d e l  
e r  
u r a  
t r a  
v e  
i a

O narrador-personagem, Rodrigo S. M. que se vê refletido na própria personagem, esvaziando a escrita e meditando sobre seu próprio fim de vida, entrega-se ao abismo final da escrita. Ou seja, entrega-se à morte antes da morte. “Será essa história um dia o meu coágulo?” (Lispector, 1981, p. 16), pergunta-se o narrador: “Trata-se de livro inacabado porque lhe falta a resposta” (Lispector, 1981, p. 8), acrescenta Rodrigo, na verdade Lispector. Macabéa deixou a vida e somente no momento de passagem é que foi vista pelas pessoas. Assim, ela esteve na vida e a vida não esteve nela. Ela era incapaz de se expressar no mundo. Os seus sentimentos estavam destinados a ficarem presos. A postura social de Macabéa reflete a condição de mulher marginal, estando sempre à espera de algo que não chegou durante sua experiência em vida ou se chegou não foi de todo completo e substancial. Ela não sendo obediente ao sistema hierárquico e dominante compreendeu, sobretudo, sua vitalidade e aspereza, pois foi fiel a si mesma.

Macabéa sentia que a vida é um grito de dor, uma vez que diante de toda a situação que viveu não se pode mais fugir. A sua angústia é se descobrir realmente como um ser. Esse instante pode ser visto como a própria vida de Macabéa, no sentido de buscar sua própria identidade. A morte é personagem dentro da narrativa, isso porque é através dela que Macabéa existirá para a sociedade. Essa fascinação de Lispector ao utilizar a morte como sendo o outro lado do viver, podemos associar ao que Regina Pontieri afirma quando se deve a um “sentido que revela a intuição aguda e, talvez, a sensibilidade antecipatória de Clarice, sentido justificável por uma etimologia apontada em parte pela própria escritora: flor-lírio = túmulo-casa e corpo = pector” (Pontieri, 1999, p. 106-107).

Bernardino-Costa e Grosfoguel (2016) assume uma posição decolonial que “(...) consiste também numa prática de oposição e intervenção, que surgiu no momento em que o primeiro sujeito colonial do sistema mundo

moderno/colonial reagiu contra os desígnios imperiais” (Gransfoguel, 2016, p. 17). Então, discutir sobre a decolonialidade se mostra enquanto movimento de resistência, pois promove oportunidade de sanar com os problemas, inclusive de violência, preconceito e opressão imperialista, enfatizando nesse aspecto, compartilhar as experiências e sofrimentos oriundos dos indivíduos que viveram à margem, na fronteira social.

Sendo, assim, Macabéa e Pequena Flor souberam como ninguém compreender o modo pelo qual o mundo é constituído, revelando, portanto, um aspecto da decolonialidade ou nas palavras de Mignolo (2017) sendo percebido como “uma opção de vida, de pensar e de fazer. Ou seja, de viver e con-viver com quem acha que a opção decolonial é a sua e com quem tem encontrado opções paralelas e complementares à descolonial” (Mignolo, 2017, p. 31).

A decolonialidade das protagonistas se traduz na escolha de vida que elas desejaram seguir no âmbito social e ou exótico, pensando assim, num movimento de ser, estar e olhar o mundo e, sobretudo, construindo novos pensamentos de resiliência e de possibilidades de diálogo com o “colonizador/opressor”. No caso de Macabéa, esse contato e embate aconteceu consigo mesma, com o narrador Rodrigo S. M. que, pode se apresentar enquanto um alter ego da protagonista e, além disso, das pessoas que a circunda socialmente, a amiga Glória, o namorado Olímpico e, por fim, a cartomante. No caso de Pequena Flor, o seu embate acontece com o explorador francês Marcel Pretre.

Com isso, a posição assumida por Macabéa e Pequena Flor na constituição do sujeito marginal e decolonial pode ser compreendida na medida em que se pensa descolonialmente, isto é, tal processo habita corpos racializados, porque estão na fronteira e, assim, fica inviável dizer a partir de outro lugar que não seja o da fronteira. Todavia, será por meio desse espaço

v i s  
d e l  
e r  
u r a  
t r a  
v e  
i a

que passaremos por mudanças intrínsecas e extrínsecas e transformamos realidades e vidas. Logo, o corpo fronteiriço é perpetuação do discurso, engendrado pela racialização que se mostra vivo, forte e resiliente.

### **Considerações finais**

Nesse percurso do discurso decolonial e pensamento fronteiriço analisado nas narrativas de *A hora da estrela* e “A menor mulher do mundo”, retomamos aquilo que mencionando anteriormente, ou seja, diante da experiência das personagens protagonistas Macabéa e Pequena Flor estando inseridas, em sequência, na sociedade e no lugar exótico, selvagem, fica latente a mudança no discurso enunciativo delas, pois pensar na fronteira é se constituir como corpo racializado, ou seja, enunciar-se não de maneira passiva, mas intencionar a mudar o local da enunciação, que ora possuindo *status* de corpo-objeto passará a se compreender enquanto corpo-sujeito. Em outras palavras, é a tentativa de se renovar, captar o instante histórico e evidenciar novas oportunidades de (r)existir, resistir, adentrando assim, nas camadas e espaços mais notáveis e, sobretudo, apropriando destes.

No conto, *A Menor Mulher do Mundo*, Pequena Flor passa a ver no explorador seu “profundo amor”, em que o mesmo a faz apreciar e “gozar” a vida, pois o seu sorriso é algo que para ele, desta vez não conseguiu identificar.

Essa “grande escuridão” que existia dentro de Pequena Flor, pusera-se em movimento, pois ela amava o explorador, da mesma forma que amava os seus pertences, esse discurso da Pequena Flor revela uma inversão de papéis em que Silviano Santiago (1971) menciona que: “é preciso que aprenda primeiro a falar a língua da metrópole para melhor combatê-la em seguida” (Santiago, 1971, p. 20), ou seja, o sorriso da Pequena Flor se refletia na própria língua desse explorador e, o contrário também acontece, pois o

explorador “aprendera a entender algumas das poucas palavras articuladas da tribo, e a interpretar os sinais. Já conseguira fazer perguntas” (Lispector, 1995, p. 95). Diante desse contato, o discurso do explorador/ colonizador está impregnado na fala da Pequena Flor: “que era muito bom ter uma árvore para morar, sua, sua mesmo. Pois — e isso ela não disse, mas seus olhos se tornaram tão escuros que o disseram —, pois é bom possuir, é bom possuir, é bom possuir. O explorador pestanejou várias vezes” (Lispector, 1995, p. 95).

O discurso do explorador e da Pequena Flor são diferentes, uma vez que o primeiro está voltado para a questão da descoberta, da exploração que trará a este o poder (hegemonia colonial) e, também um retorno financeiro diante dessa nova descoberta nas profundezas da África, enquanto no segundo, temos uma aproximação com uma nova cultura, diferente da sua, que a faz sentir o amor tanto pelo explorador quanto pelos seus pertences (discurso decolonial).

Dessa forma, conclui-se que os narradores dos dois textos se voltam para a questão da alteridade, da busca por uma identidade, da exclusão, na qual percebemos como seria tratado esse sujeito marginal, que se encontra numa interestrutura que representa a experiência da individualidade vivida, num período de isolamento e autonomia do grupo, e, sobretudo, compreende-se que elas estão deslocadas e visando a uma nova condição e à agregação de vida. Macabéa e Pequena Flor são exemplos desse sujeito marginal que não se enquadra nessa sociedade em que tudo está voltado para a questão do belo, do estético, do prazer, da hegemonia totalitária e obediente descobrindo, assim, que a força de que precisam está dentro de si mesmas.

Os narradores evitam tratar de uma posição idealista e ingênua da situação humana, e se constituem de um ponto de vista que mostra essa condição humana contraditória, consciente da crueldade de todos os

v i s  
d e l  
e r  
u r a  
t r a  
v e  
i a

homens e, também consciente da dificuldade de reconhecer a alteridade interna e externa. O resultado disso tudo, portanto, é a denúncia desse sujeito decolonial e marginal que é renegado por essa sociedade capitalista, que renega também, os desejos, os sonhos e a face ambígua e obscura de cada um de nós.

## Referências

BALLESTRIN, Luciana. “América Latina e o giro decolonial”. *Revista Brasileira de Ciência Política*. n.11, p.89-117, maio/agosto, 2013.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; GROSGOUEL, Ramón. “Decolonialidade e perspectiva negra”. *Sociedade e Estado*, vol. 31, n.1, p.15-22, abril, 2016.

BUENO, Gisele Madureira. “O ponto de vista paradoxal do conto A menor mulher do mundo de Clarice Lispector”. *Estudos Linguísticos*, p. 855-60, 2006.

CANDIDO, Antonio. “Uma tentativa de renovação”. In: CANDIDO, Antonio. *Brigada ligeira e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 1992.

COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil: Era Modernista*. 6. ed. São Paulo: Global, 2001.

FILHO, Domício Proença. *Pós-Modernismo e Literatura*. São Paulo: Ática, 1988.

GENNEP, Arnold. *Os ritos de passagem*. Trad. Mariano Ferreira. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

GUIDIN, Márcia Lígia. *Roteiro de Leitura: A Hora da Estrela – Clarice Lispector*. São Paulo: Ática, 1994.

LISPECTOR, Clarice. *A Hora da Estrela*. 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.

LISPECTOR, Clarice. *Laços de Família*. São Paulo: José Olympio, 1995.

MARQUES, Reinaldo; BITTENCOURT, Gilda Neves. *Limiares críticos*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 1998.

MIGNOLO, Walter. “Desafios decoloniais hoje”. *Epistemologias do Sul*. vol 1, n.1, p. 12-32, 2017.

MOISÉS, Massaud. *História da Literatura Brasileira – Modernismo*. Vol. V. São Paulo: Cultrix, 1989.

NUNES, Benedito. *O drama da linguagem*. Uma leitura de Clarice Lispector. 2. ed. São Paulo: Ática, 1995.

OLIVA, Osmar Pereira (Org.) “Balaio de gatos”. In: OLIVA, Osmar Pereira. *A Hora da Estrela e “O Grito”*: pinturas da angústia. Montes Claros: Editora Unimontes, 2006.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Altas literaturas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PONTIERI, Regina. *Clarice Lispector: Uma poética do olhar*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

QUIJANO, Aníbal. “Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina”. In: LANDER, E. (Org). *A Colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais Perspectivas latino-americanas*. Colección Sur Sur, Clacso, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, 2005.

v i s  
d e l  
e r  
u r a  
t r a  
v e  
i a

SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*. São Paulo: Perspectiva, 1971.

Submissão: 29/02/2024  
Aceite: 09/08/2024

<https://doi.org/10.5007/2176-8552.2024.e98841>

*Esta obra foi licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.*